

## EM DEFESA DO PRECONCEITO: A NECESSIDADE DE TER IDEIAS PRECONCEBIDAS

DALRYMPLE, Theodore. **Em defesa do preconceito: a necessidade de ter ideias preconcebidas**. Tradução de Reinaldo Azevedo. São Paulo: É Realizações, 2015.

**Lara Caxico Martins Miranda\***

\*Doutoranda pelo Programa de Doutorado em Ciência Jurídica da Universidade Estadual do Norte do Paraná. Mestre pelo Programa de Mestrado em Direito Negocial da Universidade Estadual de Londrina. Pós-Graduada em Direito do Trabalho e Processo do Trabalho pelo Complexo de ensino Damásio de Jesus e em Direito Constitucional pelo LFG. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1094-4964>.

Reinaldo Azevedo, jornalista e autor de inúmeras obras, abre os estudos de Theodore Dalrymple pontuando características peculiares do trabalho. De acordo com ele, será possível ao leitor reorganizar experiências e repensar temas cotidianos a partir da leitura dos concisos, críticos e bem-humorados capítulos da obra (p. 09). Salienta ainda que a experiência do autor como psiquiatra colabora para a construção de uma visão afastada do senso comum, necessária para que o homem contemporâneo não abandone ideias preconcebidas tão relevantes para a vivência na sociedade moderna (p. 10).

De acordo com Reinaldo Azevedo todos os indivíduos precisam de conhecimentos preestabelecidos, até mesmo sobre eles mesmos. O fato de comportamentos reprováveis como xenofobia, misoginia e racismo terem se tornado, de maneira equivocada, sinônimo de preconceito, fez com que todas as demais premissas, sobre qualquer tema, fossem rechaçadas (p. 10). Por essa razão é que o autor se propõe a reanalisar, sob um viés histórico, lógico e filosófico, ideias costumeiramente propagadas pelas pessoas. Não se discute que “os exemplos são sempre muito convincentes”, mas “os conceitos é que sobrevivem para formar a história do pensamento” (p. 11).

A apresentação da obra, elaborada por Reinaldo Azevedo, é finalizada com uma das expressões do autor que muito bem descreve o trabalho, qual seja, “sem preconceito, não há virtude”. Se todas as opções individuais fossem válidas não haveria o que se discutir socialmente, nem padrões de certo e errado. A moral perderia sentido e não haveriam valores importantes (p. 13).

Dalrymple começa a obra com o capítulo intitulado *O preconceito é um equívoco, portanto a sua inexistência é um acerto*. Nesse, inicia a discussão afirmando que na atualidade muitos indivíduos possuem “um forte preconceito contra todo tipo de

preconceito”. A expressão, inclusive, já recebe característica negativa quando, de acordo com o Dicionário Orford, afirma-se que ela se configura em um julgamento apressado, dando a entender que o indivíduo que mantém preconceitos não faz uma análise detalhada do tema. Ainda se verifica o sentido pejorativo quando o dicionário dispõe que ela possui “especialmente conotação desfavorável” e pode ser entendida como uma “objeção injustificada” (p. 11).

Reconhece o autor que o preconceito como visto majoritariamente refere-se à noção de fazer acepção de pessoas com base nas diferenças de cor da pele (que o autor chama de raça) (p. 17). Entoa ainda que são de conhecimento notório os males que a diferenciação de etnia e de cor da pele geraram no século XX. Entretanto, em razão dessa concepção prática, de ação, que se dá a palavra, torna-se indiferente saber se efetivamente alguém tem um conceito equivocado a respeito do outro, desde que não o efetive em atos comissivos ou omissivos (p. 18).

Salienta, todavia, que concluir que o preconceito é a causa de genocídios e de grandes massacres mundiais é um grave erro lógico. Isso porque, se a premissa fosse verdadeira, acabando com o preconceito não se veria mais tais situações na sociedade. Mesmo que não seja verdadeira a proposição: preconceitos geram determinado mal; aponta ser difícil encontrar atualmente pessoas que admitem possuírem preconceitos (p. 18). Isso porque, se o fizessem, demonstrariam ser, possivelmente, irredutíveis com relação as suas ideias e retrógradas por não quererem as reanalisar. “Uma pessoa assim não se distinguirá como alguém muito atraente, para dizer o mínimo. Portanto, é melhor engolir em seco os próprios preconceitos do que admiti-los em público” (p. 19).

A atualidade é repleta de indivíduos sem preconceitos e sem julgamentos de pessoas ou questões em razão da conotação negativa imputada a essa expressão. Logo, o que se verifica é o controle de todos sobre suas próprias opiniões e pensamentos, ainda que baseadas em nenhuma evidência (p. 19).

O homem que declara não possuir preconceitos receia ser conhecido como alguém que não possui próprias ideias ou é intolerante. Por isso busca conceitos a partir dos quais não há qualquer dúvida de aceitação social, irrepreensíveis, e que consequentemente podem ser usados para construir suas próprias ideias (p. 20).

Enveredando nas justificativas da sua premissa, Dalrymple inicia o segundo capítulo do trabalho intitulado *Os empregos do ceticismo metafísico* afirmando que os cétricos radicais não se interessam pela busca da verdade, mas tão somente por, de maneira egoística, reafirmar a liberdade de poder não crer em nada (p. 21). Relutando em rechaçar qualquer possibilidade como verdadeira, não impõe limites sobre si. Apesar disso, criam uma base que varia de tema para tema e que conduz as suas próprias vidas e atos. Nos momentos em que seus interesses estão em jogo tornam-se extremamente investigativos a fim de achar substratos filosóficos para “desqualificar a autoridade moral dos costumes, da lei e da sabedoria milenar” (p. 22).

No terceiro capítulo chamado *A história nos diz aquilo que queremos ouvir*, Dalrymple passa a discorrer sobre a história e as concepções que essa impõe aos indivíduos. Afirma, inicialmente,

que é de conhecimento geral que os “costumes, leis e a sabedoria milenar foram frequentemente opressivos “. O uso da autoridade que se baseia nesses por vezes faz com que o indivíduo abuse do seu poder e construa um espaço ilegítimo de soberania, como se vê, por exemplo, nos cenários históricos de guerras e genocídios (p. 23).

Vale ressaltar, todavia, que o autor afirma que nem todas as escritas atuais feitas da história compreendem exatamente o que aconteceu. Caso fosse possível retratar a história do mundo em toda a riqueza de detalhes em que ela se deu, certamente teríamos uma reprodução do mesmo tamanho e tempo, o que logicamente se torna impossível. É por essa razão que historiadores, cada qual com as suas ideologias, reproduzem parte da história do modo como a enxergam e querem fazer os leitores a enxergarem. Nesse viés, questiona Dalrymple “como visões tão distintas do mesmo objeto foram possíveis, ambas escritas por homens de inteligência, cultura e talento?” (p. 25).

A resposta vem logo em seguida quando o autor explica que cada ser é capaz de ver a história com os óculos da sua própria percepção. Enquanto uns avaliam os fenômenos pela via do progresso, outros o veem pela via da degradação ambiental. Enquanto uns enxergam riqueza outros enxergam disparidade social. Cada qual consegue notar aquilo que destaca em si. Apenas os fatos, quando analisados honestamente, são capazes de eliminar quaisquer valores imputados sobre os fenômenos. Esses, porém, continuam sempre sujeitos a interpretação dos indivíduos que, por vezes, realizam os maiores contorcionismos para encaixá-los conforme a sua forma de vê-los (p. 25-26).

No capítulo quatro o autor aborda a temática, que também estabelece como título, de *Por que preferimos ver os desastres da história às suas realizações*. Segundo Dalrymple a história costuma ser contada a partir das suas perversidades, o que faz com que os seus leitores aprendam apenas o que não devem fazer no futuro (p. 29).

Toda vez que uma máxima social deixa de existir outra toma o seu lugar e essa é, não sempre, mas na maioria das vezes, pior. Muitos preconceitos são de fato verdadeiramente ruins para a vida social, mas isso não pode induzir as pessoas a acreditar que é possível viver sem eles. É preciso que o indivíduo olhe para a autoridade do passado e reconheça que o mundo não iniciou com ele, logo não são apenas as suas concepções as necessárias a regerem sua própria vida. A sabedoria acumulada com o tempo é relevante e importante. Admitir a possibilidade de sempre sair sem qualquer premissa implicará situações nefastas.

Recebido em: 07/08/2023

Aceito em: 03/10/2023